

Prejuízos financeiros e emocionais

Professores e ex-dona de escola estão indignados com o Grupo Vitamina: escolas fechadas por falta de infraestrutura, profissionais e funcionários sem direitos trabalhistas e crianças sujeitas a uma educação precária

| POR LETICIA SCUDEIRO

nfraestrutura precária, pagamentos de luz, água e aluguel atrasados, além de funcionários e professores sem receberem direitos trabalhistas. Essas são algumas condições que as escolas começaram a apresentar após serem compradas pelo Grupo Vitamina. O grupo chileno chegou ao Brasil no final de 2019 com uma proposta de investir na educação infantil, mas acabou se tornando sinônimo de fraude. Ao todo foram com-

pradas 37 escolas de educação infantil, a maioria na cidade de São Paulo, com exceção de cinco em Campinas, Ribeirão Preto, Santos e ABC.

O Sindicato dos Professores de São Paulo (SinproSP) começou a receber denúncias trabalhistas em meados de 2021. Segundo a diretora Silvia Celeste Barbara, “os professores estavam sendo comunicados [pelo Grupo] que eles não seriam mais tratados como professores, mas como educadores e que as escolas não res-



Silvia Barbara, diretora do SinproSP (com o megafone), participou de um protesto em outubro de 2023 com as vítimas do Grupo Vitamina em frente ao Consulado Geral do Chile, na Avenida Paulista

CRISE NA VENDA DE ESCOLAS

peitariam mais a Convenção Coletiva dos Professores da Educação Básica, portanto, os direitos como férias coletivas, piso salarial, bolsas de estudo, recesso, nada disso seria respeitado”.

Além de retirar os direitos dos docentes, o grupo começou a atrasar o pagamento de funcionários, fornecedores e também o acordo de compra da unidade. Com isso, problemas de infraestrutura e irregularidades começaram a surgir e serem notificados. A professora Nadja Iara da Silva Solano, que trabalhou 27 anos na Escola Pueri Regnum, no Brooklin, SP, conta que a partir do momento em que a escola foi vendida, em abril de 2021, eles não tiveram apoio da gestão do Vitamina. “A diretora atual tem feito o melhor que pode dentro das condições que tem. Por diversas vezes recebi a visita da supervisora de ensino, que apontou e notificou diversas irregularidades que colocam em risco, inclusive, a segurança das crianças.”

Nadja saiu da escola em setembro deste ano e ressalta que a escola continua desligando professoras antigas sem pagamento: “Uma das professoras que ainda trabalha está grávida e ainda não recebeu o seu salário. Isso é desumano”.

Cátia Oliveira Crivelli é outra professora que está com o pagamento atrasado. Ela trabalhou na Escola Nosso Espaço por 22 anos e quando foi comprada pelo Grupo Vitamina, em outubro de 2021, foi transferida para a unidade da Escola Espaço Singular, onde ficou por um ano e três meses. Ambas as unidades estão localizadas também no Brooklin e fecharam as portas em setembro de 2023. “Por conta da fraude do Grupo entrei com a rescisão indireta. Estou sem receber meus

“Uma das professoras está grávida e ainda não recebeu o seu salário. Isso é desumano”, denuncia a professora Nadja Iara, que trabalhou por 27 anos em uma das escolas compradas



Arquivo pessoal

Marilene de Sousa Milan, Regina Tolentino e Danielle Paranhos criaram um grupo de apoio às vítimas

direitos trabalhistas e não deram baixa na minha carteira de trabalho. Psicologicamente, fiquei muito triste pela forma como tudo ocorreu. É um sentimento de impunidade”, compartilha Cátia.

MOTIVO DA VENDA

A diretora do SinproSP, Sílvia Barbara, explica que, na maioria, as escolas compradas pelo Grupo eram tradicionais, fundadas por educadoras ou famílias de professores com 30 anos a 40 anos de existência. O motivo da decisão de vender pode ter sido a pandemia. Como na educação infantil a matrícula de crianças de até quatro anos não é obrigatória, muitas perderam estudantes, ficaram fechadas e viram na proposta apresentada a oportunidade de continuar o seu legado, passando para outra pessoa, sem precisar fechar as portas. Sílvia também ressalta que trouxe segurança para quem iria vender o fato de o Vitamina ter participação do Instituto Península.

O professor Antônio Eugênio Cunha, atual presidente da Federação Nacional das Escolas Particulares (FENEP), acredita que das escolas adquiridas, nenhuma

estava desesperada, uma vez que tinham bom padrão e uma boa proposta pedagógica. “O que faltou foi cuidado das instituições para fazer uma melhor avaliação do investidor que estava chegando. Não dá para fazer nenhum negócio se não tiver pelo menos uma segurança, como um fiador ou seguro”, enfatiza Antônio.

Marilene de Sousa Milan foi fundadora, diretora e mantenedora da Building Escola de Educação Infantil nas unidades de Vila Mascote (de 26 anos) e Campo Belo (de seis anos) até abril de 2021. Ambas atualmente fechadas. “Quando comecei a negociar a venda da escola, foram quase cinco meses de negociação, buscando informações sobre o Grupo Vitamina e quem eram os investidores. Tudo parecia muito claro, em especial, no meu caso, o maior ‘aval’ que enxerguei na ocasião era o Instituto Península fazer parte do projeto, mas nada disso garantiu que essa catástrofe fosse evitada”, explica.

“Eles [o Grupo Vitamina] eram rigorosos na solicitação de documentação. Fiquei meses com meu contador e o advogado juntando os documentos. Nós discutimos as questões da garantia e eles falavam que o fundo era forte. Então checamos a informação na Junta Comercial, tudo foi verificado. Não foi uma venda da noite para o dia, foi um negócio muito estudado. Não foi ingenuidade dos ex-donos de escolas, todo mundo teve bons advogados para verificar”, complementa Marilene de Sousa.

A venda da escola de Marilene foi parcelada até 2026. Ela não recebeu a parcela de 2023 e continua sendo cobrada por funcionários e fornecedores como a responsável pela escola. Além disso, adquiriu problemas emocionais como síndrome de pânico, e recebe tratamento profissional.

Marilene criou com Regina Tolentino, ex-diretora e mantenedora da Building Escola (unidade Campo Belo), e com a professora Danielle Paranhos, que trabalhou na Escola Mundo Melhor, em Perdizes, vendida ao Vitamina em abril de 2021, um grupo de apoio e escuta às vítimas, o qual possui mais de 500 pessoas, dentre elas funcionários, professores, ex-mantenedores e proprietários de imóveis.

A situação da professora Danielle mostra outro ponto da fraude do Grupo Vitamina: com os atrasos, muitos professores foram coagidos a aceitar um acordo de parcelamento de sua rescisão salarial, ou seja, caso aceitassem iriam receber sua rescisão, senão teriam

Diretora do SinproSP, Silvia Barbara explica que, na maioria, as escolas compradas pelo Grupo eram tradicionais, fundadas por educadoras ou famílias de professores. O motivo da decisão de vender pode ter sido a pandemia

que continuar trabalhando com todos os atrasos ou se demitir e perder seus direitos. “Fui demitida e coagida a aceitar o acordo. Estava contando com minha rescisão para pagar alguns empréstimos e contas no banco. Recebi apenas uma parcela, e em dois meses de atraso o banco começou a me ligar fazendo cobranças. Estou pagando juros absurdos por esses atrasos de pagamento. Envio e-mail todo mês para o Grupo Vitamina para me pagarem, eles não respondem”, conta.

PRÓXIMOS PASSOS E CUIDADOS

A diretora do SinproSP participou de um protesto em outubro de 2023 com as vítimas do Grupo Vitamina, em frente ao Consulado Geral do Chile, na Avenida Paulista, em São Paulo, e aponta que atualmente quase 20 escolas fecharam, porém, no site da Receita Federal elas ainda constam como abertas, recebendo novas matrículas. Segundo ele, o que está sendo feito são ações individuais na justiça em busca dos direitos trabalhistas.

“Estamos contando com o auxílio de um vereador, um deputado estadual e uma deputada federal. Os três formam um grupo que está buscando no Ministério Público Federal, no Ministério Público Estadual e no Ministério das Relações Exteriores, além das Comissões de Educação de cada uma das casas parlamentares, movimentos para evitar que o Grupo Vitamina fuja do país antes de pagar as dívidas”, ressalta Silvia.

Como prevenir possíveis golpes

O professor Antônio Eugênio Cunha, presidente da FENEP e diretor da consultoria Cunha&Cunha Gestão Educacional, indica aos donos(as) e mantenedores(as) que ao vender suas escolas verifiquem: “se eu vendi à vista está resolvido, a escola vai receber o dinheiro, fim de papo. Se eu não vender à vista, mas por entrada e parcelas, devo ter os meus cuidados.

Estes cuidados passam por um seguro, por exemplo. Não basta assinar um documento, um contrato, porque caso não cumpra, há algumas cláusulas de segurança que podem até ser prejudiciais”.

O professor Antônio Eugênio Cunha, presidente da FENEP, ressalta que no caso das escolas que foram vendidas ao grupo Vitamina, caso tenham sua unidade de volta, terão que passar por um processo de reestruturação e reconstrução da imagem, ou seja, começar a construir a escola do zero.

“Quando oriento as escolas na venda, normalmente a gente escolhe um banco, faz um seguro e pede uma carta fiança na qual o comprador fica na obrigação de fazê-lo. Esse para mim é o melhor processo. Tem outros caminhos, mas todos gerando segurança para quem está vendendo”, complementa Antônio, que também é diretor da consultoria Cunha&Cunha Gestão Educacional.

OUTROS PONTOS

PRIMEIRO: a saúde financeira da escola depende do seu projeto e programa administrativo-financeiro. Então começa, por exemplo, na matrícula. Como devo fazer a minha matrícula? Quais cuidados devo ter? Porque a matrícula se desdobra não obrigatoriamente num possível problema que pode atrapalhar o fluxo de caixa da escola;

SEGUNDO: quando se fornece o serviço educacional, há um contrato anual, então você tem uma anuidade e poderá parcelar até 13 vezes, como algu-



Divulgação

“Não dá para fazer nenhum negócio se não tiver pelo menos uma segurança, como um fiador ou seguro”, enfatiza Antônio Eugênio Cunha, presidente da FENEP

mas escolas fazem. Já para conceder esse crédito ao cliente, ele tem de estar com um bom histórico de pagamento. Então é sempre bom verificar quem é o nosso cliente;

TERCEIRO: verifique se o seu preço está bem formado para a clientela que quer atender. O que é um preço bem formado? Preciso de um orçamento que me permita enxergar quanto vou gastar no ano letivo e fazer acompanhamento por meio de lançamentos diários daquilo que entrou e do que paguei. Se tivermos essas abordagens (existem outras) já começamos a criar uma estabilidade financeira para a escola;

IMPORTANTE: tenha um contador(a) na escola que seja parceiro eficiente, porque é ele quem vai tirar os seus tributos e mostrar informação da saúde financeira da sua empresa.